

A Ilha do Bananal, como ela foi e como ela é

Leoldio Caiado
Superintendente
Estadual do
Meio Ambiente

Em 1945, quando a Expedição Sertaneja Araguaia-Xingu permaneceu alguns dias dentro da Ilha do Bananal, o general José Vieira da Rosa fez um estudo detalhado sobre a região mesopotâmica Araguaia-Javaé.

Em 1911, a Ilha já era explorada pelo inglês Mc Intire, que cuidou de um leprosário em Santa Tereziinha, próximo a Maçuba.

Em 1926, o sertanista Silvino Bandeira de Melo fundou ali uma escola para ensinar os índios.

Em 1940, o maranhense Lúcio da Luz dono de Mato Verde, hoje, Luciana, já tinha numeroso rebanho vacum dentro da Ilha.

Em 1972, durante uma audiência na Funai, com um dos diretores do citado órgão sobre um furto que teria ocorrido de algumas reses da Fundação, ouvi do diretor que se dizia chamar almirante Arândur, que ele havia proposto fechar toda a Ilha do Bananal, com arame, para que ninguém entrasse. Diante de uma afirmativa descabida como esta, achei melhor me retirar, porque o desconhecimento de causa sobre a Ilha, por um alto funcionário, atingia a Administração de todo o órgão.

A referida ilha alaga aproximadamente dois terços de sua área. É constituída, em sua maioria, de um bela planura de caribas e lagoas, campinas, varijões, veredas e cerrados, cortadas por curichos, rios e igarapés.

Existem capões espalhados por toda a Ilha e bosques ribeirinhos, com exceção da Mata do Mamão que ficou quase toda no PNA.

Os sertanejos que residem dentro da Ilha são geralmente velhos moradores. Todos são pequenos criadores, porque a terra da Ilha não é própria à agricultura, e, sim, à criação de gado.

Mas acontece que nos últimos anos as enchentes têm provocado uma certa devastação e matado animais domésticos e silvestres. Assim mesmo os criadores se aventuraram e perdem grande parte do rebanho.

Certa vez mandei um ofício solicitando do general Ismarth, quando era dirigente da Funai, a ponta Sul da Ilha, a partir da embocadura do rio Caracol com o Araguaia e daí por uma reta até a aldeia de Canoanan, mas nunca fui dignificado por uma resposta.

A finalidade seria a preservação da fauna aquática e terrestre, mas, devido à quantidade de sertanejos que habitavam a área, todos pequenos criadores, desisti da idéia.

Em 1950, contornando a Ilha do Bananal, observamos que a região possuía uma rica fauna, mas o emprego da tecnologia aperfeiçoada de caça e pesca concorria para dizimar as variadas espécies silvestres e aquáticas.

Em outras épocas quando existia o profissionalismo da



Em 1950, duas Javaés formosas e timidas, escondendo o rosto

caça e pesca, os animais eram caçado e pescado dia e noite, sem trégua.

RESULTADO DO PROFISSIONALISMO

Na atualidade, já não existe o profissionalismo a não ser praticado pelos índios e moradores ribeirinhos, sendo a espécie mais procurada o peixe Arapaima digas, o pirarucu, por ter grande porte e oferecer maior lucro.

Os profissionais da pesca associaram-se ao índio porque sabem que o índio é protegido e a Legislação Pesqueira permite que ele capture e comercie o pescado.

Assim sendo, o índio pesca o peixe em permuta de material diverso e vende para o cristão sabido que leva o produto da pesca em forma de mantas salgadas e secas, para a Feira de Santana na Baía ou Belém do Pará.

O profissionalismo que era desenfreado em passadas épocas extinguiu a ariranha e quase acabou com os jacarés. Foi por isso que o então presidente Castelo Branco proibiu a caça profissional em todo o território nacional e disciplinou a pesca através da Legislação da Flora e Fauna.

Hoje, os turistas que demandam à Ilha do Bananal, de julho a outubro, transitando por uma estrada que fiz com o sertanejo de Luiz Alves, Telmo Francisco Marques, em 1957, com passagem no Rio Javaé, na Barreira de Jaraguá, encontram a fiscalização da pesca que revista os carros e apreendem o material considerado predatório. Foi assim que proibimos a caçada dentro da Ilha e não aconselhamos a pesca dentro da área, a não com o consentimento da Funai. Temos encontrado reações, uma delas presenciada pelo ilustre ex-Secretário de Saúde, Anuar Auad, em que pescadores

exibiram carta de nobres autoridades, mas usavam materiais nocivos à pesca, que foram imediatamente apreendidos.

As caravanas que pretendem entrar na Ilha geralmente procuram o Rio Jaburu ainda bem piscoso, habitado por pioneiros posseiros.

As terras anexas à extremidade sul da Ilha, a grande área que limita com o Rio Javaé pertence ou pertencia aos velhos moradores, posseiros de Luiz Alves, que numa demanda que tive com o Estado, num lapso de tempo de quatro anos, foi reconhecida a posse e os títulos foram-lhes entregues pelo então diretor do Idago, Benedito do Vale, num gesto louvável de Justiça.

Mas a Ilha tem sido inóspita com as enchentes imprevisíveis. Assim sendo, inúmeros sertanejos desejam abandonar a posse a procurar outra região, o que muitos já estão fazendo.

Nas proximidades da Ilha não é possível radicar o sertanejo, não só por não haver terra devoluta, mas devido à pouca altitude da região, sujeita ao alagadiço.

OS ÚLTIMOS ÍNDIOS

Em passados tempos, quando os índios do vale do Araguaia tinham menos contato com os brancos, pescavam e caçavam com flechas e bordunas, a fauna era fértil, mas, hoje, os animais estão reduzidos. Interessante é observar que a pobreza da terra acarreta a dificuldade de vida do índio. Assim é que as grandes aldeias de Fontoura, onde existiam ou ainda existem os meus velhos amigos, Sielore e Andadura, a de Crisóstamo, onde os Carajás eram mais arredios, já estão reduzidas num último ciclo de vida.

Santa Isabel, parte média da Ilha, equidistante entre

as extremidades Sul e Norte, onde existiam os seus representantes, índios sadios, lutadores musculosos, como eram Idiarrina e Teoro, ainda existe o velho chefe Uataú e Arutana.

Na embocadura do Rio Tapirapés tinha os companheiros, Savaru e Cravucru, sempre fortes e dispostos, mas, que por precaução, não andavam nas terras dos Xavantes.

Os últimos Carajás da ponta Norte, os Xambioás, os mais distantes, estão decadentes e acabou a sua tradição.

Descendo o braço direito, o Javaé, a primeira aldeia se localizava próxima da embocadura do Rio Verdinho, situada na Barreira Branca, Tarralá.

Depois é que vinha a aldeia conhecida por Canoanan que ainda persiste em nossos dias.

Mas, possivelmente, na Ilha, aglomerados em decadentes aldeias ou espalhados em reduzidas famílias, já o número de índios não atinge um mil e quinhentos, nem mais.

Os índios já não acatam a indisciplina da chefia e os que saem não voltam para as aldeias, sendo difícil um dado estatístico exato do seu número.

Também entre os índios existe a "abertura da liberdade" que acarreta a desordem, a indisciplina e a desobediência.

Carajás e Javaés são índios ribeirinhos, dependentes dos rios, onde retiram diariamente, o "pão nosso de cada dia", não destroem os bosques ciliares, por não serem agricultores, não utilizam os campos, por não serem criadores.

Os criadores próximos utilizam a pastagem da Ilha no tempo de estio e retiram o gado em fins de outubro ou novembro, acautelando-se contra as enchentes.

Os índios, para a sobrevivência, não estragem a fauna, mas, para o comércio, instigados pelos brancos, matam além do necessário.

A civilização luta contra o aumento progressivo da população e o índio luta contra o extermínio de sua espécie, provocada por enfermidades endêmicas e epidêmicas, sendo as últimas introduzidas pelos cristãos.

O Bêrocã lendário, habitado pelo Capê-Lobo, de praias cobertas de ramagem verde, pontilhadas de melancia, já não existe.

O temível Xavante na margem esquerda do Araguaia, o ataque traiçoeiro do Canoeiro, nas regiões do Tori-berô, a malanca de matukaris Tapirapés, na aldeia de Tampiri, de onde os Caiapós levavam as moças e as diadomãs, são coisas do passado.

A dança do Aruanã, o segredo da Casa do Bicho, em que as curiosas crianças de sexo feminino ao vê-las eram designadas futuras mulheres públicas da aldeia, a choradeira quando o ipê enflorace de saudades dos que se foram, são, hoje, histórias lendárias.

Do rastro que os sertanejos viam do desconhecido "Pé-de-Garrafa" que rondava os ranchos em tene-

brasas noites, pouca gente sabe.

CRISTÃO PELADO

Raros são os habitantes que se recordam da choradeira das ariranhas, como fossem crianças, brincando, pegando e devorando o peixe.

Na extremidade Norte os turistas, via Araguacema e Kazeara, subindo o Javaé, penetram nos rios Mercedes, Auri-Auri e Riosinho, onde ainda existem muito peixe e tartarugas.

Com a fiscalização do IBDF, no Parque Nacional no Norte da Ilha, possivelmente a fauna será preservada e aumentada.

Em frente ao Parque do IBDF, entre o Javaé e o rio do Côco, o secretário Paulo Nogueira Neto está implantando uma Estação Ecológica para salvar a fauna e a flora.

Os rios 23 e 24 foram assim designados pelo inglês Mc Intire, por coincidência de ter atingido os caudais nos dias acima.

Por serem próximos de Santa Isabel, são raros os peixes e as caças, muito pescados e caçados pelos Carajás.

Esses rios com aspecto de curichos, descem em direção Norte da Ilha e acabam num extenso pantanal.

Os índios de Santa Isabel já não são atraentes; vestidos e falando a nossa língua, com os nossos vícios e costumes, se degeneraram e modificaram a originalidade. Não podemos chamá-los de selvagens, como não podemos chamá-los de civilizados.

Sob o ponto de vista turístico, Carajás e Javaés não oferecem novidades, mas, sob o aspecto etnológico ainda são motivo de pesquisas, para cientistas.

O Hotel Jucelino Kubtschek é um local interessante, sob o ponto de vista paisagístico, porque sendo próximo de aldeia de índios, a fauna quase não existe.

A não ser o Rio das Mortes, aproximadamente 20 quilômetros acima, o turista não terá outras atrações.

A Funai mantém uma certa vigilância em relação ao turistas, para que não haja violação aos costumes do índio.

É verdade que em épocas próximas passadas, muitos profissionais da pesca e da caça exploravam os índios, e desencaminhavam as moças; homens iletrados e aventureiros que foram pescar em outras águas.

O turista, geralmente de boas camadas sociais, não traz cachaça, nem corteia a índia, o que lhe seria ridículo e reprovável.

O que aconteceu entre nós é a ignorância reinante em relação às distantes terras. É o desconhecimento e o desinteresse pelas nossas coisas.

A Europa e os Estados Unidos, talvez sejam mais conhecidos por nós que as nossas próprias terras.

Se um turista chegar à Ilha do Bananal e deslejar levar de lembrança uma fotografia de índio primitivo, só se for de cristão pelado, porque os índios estão, hoje, muito bem agasalhados com armas avantajadas e modernas.